



EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESPANHOL E PLE *

PALAVRAS-CHAVE: .

Ensino-Aprendizagem.
Língua Espanhola e PLE.
Idiomas Sem Fronteiras.

**GONÇALVES, C. F.J.¹,
BECKHAUSER, A.S.² &
OLIVEIRA, I. A.²**

¹Discente Licenciatura em Letras: Português e Espanhol,
Departamento de Letras e Artes - UEFS. Bolsista PIBEX.

²Professor(a) Orientador(a), Departamento de
Letras e Artes - UEFS.

*Programa Núcleo de Línguas do Idiomas Sem Fronteiras
da Universidade Estadual de Feira de Santana (Resolução
CONSEPE 134/2019)

Introdução

Este trabalho tem como objetivo discutir alguns conceitos que orientam a atividade docente nas aulas de Espanhol e de Português como língua estrangeira, no Núcleo de Línguas do Idioma sem Fronteiras (Nucli-IsF/UEFS) e do Programa Portal, trazendo algumas experiências mais recentes com o uso de tecnologias digitais em contexto de pandemia. Ambos os Programas se constituem de *locus* privilegiados para o

desenvolvimento da competência profissional do docente de Educação para as línguas estrangeiras em formação. Ademais, proporciona a criação de espaços de discussão e reflexão, através das práticas pedagógicas, valorizando o pensamento crítico e proporcionando interações, partilhas, leituras de mundos através do desenvolvimento da competência comunicativa em línguas estrangeiras. Na mesma linha da discussão acima, o Nucli-IsF e o Programa Portal tem, dentre seus objetivos

o compromisso com a formação docente, oportunizando formas de os licenciandos vivenciarem o ambiente da sala de aula, seja ela presencial ou virtual. Em relação a este último, é possível concluir que a oferta de cursos no modelo remoto ampliou as oportunidades de democratizar o acesso à aprendizagem de línguas, a despeito dos enormes desafios que isso acarreta, principalmente em razão do acesso à internet. Tivemos que nos readequar com as aulas *online*, ampliando nosso escopo de discussão e de reflexão sobre o exercício da docência, bem como reelaboração de materiais didáticos.

Referencial teórico

O desenvolvimento de nossas ações no Nucli-IsF e Programa Portal, bem como da organização das reflexões deste trabalho, está ancorado em um arcabouço teórico que alicerça nossa *práxis* docente. Destacamos a concepção de língua (MAKONI E MEINHOF, 2006; RAJAGOPALAN, 2003, Concepção de material didático (TOMLINSON, 2013; LITTLEJOHN, 2012), ensino-aprendizagem de línguas baseado em competências (VILLA E POBLETE, 2010); aprendizagem cooperativa e colaborativa (JOHNSON, JOHNSON E SMITH, 2006; TORREGO E NEGRO 2012) e interação complexa: sujeito-sujeito/sujeito-mundo-sujeito/sujeito-conhecimento-sujeito

(VYGOTSKY, 2001; BAKHTIN, 2003). A construção de nossas aulas de língua, os materiais didáticos elaborados sob pressupostos teóricos e metodológicos comprometidos com a formação do professor e aluno críticos e reflexivos, o desenvolvimento da competência linguística dos sujeitos envolvidos com o processo de ensino e aprendizagem, o compromisso com os valores éticos, solidários e colaborativos, entre outros elementos, conformam as bases do exercício da docência em ambos os programas mencionados.

Entende-se que a concepção de língua se constitui como o eixo organizador da atividade docente, no sentido de que determina o modo como o professor mobiliza recursos para a aprendizagem, mediada pelo uso da linguagem. A língua é parte constitutiva da *práxis* docente, manifestando-se nos diversos gêneros discursivos de que o professor faz uso, sejam eles orais ou escritos. De acordo com Makoni e Meinhof (2006), a noção de língua precisa ser reinventada quando a linguagem é utilizada para produzir sentido em práticas sociais do dia a dia, dado que o que interessa é o modo como o sujeito significa ao produzir sentidos no mundo.

É preciso compreender que a linguagem é móvel e se materializa como prática social sempre contextualizada, cujos sujeitos da aprendizagem são heterogêneos, fluídos e estão sócio-historicamente situados, constituindo-se na intersubjetividade com

outros sujeitos e discursos. O emprego de recursos semióticos significa mobilizar recursos em circulação e (des/re)contextualizando-os em novos contextos interacionais em progresso. É desse modo que agimos no mundo social (SZUNDY E FABRÍCIO, 2019).

Os materiais didáticos, enquanto artefatos culturais e um produto ideológico, trazem em seu interior uma concepção de língua que orientará a abordagem do professor. Littlejohn (2012) considera que os materiais didáticos não estão presos em determinado tempo e cultura. Eles se inserem em um contexto social para além do âmbito da sala de aula, utilizados para atender variedades de propostas para o ensino-aprendizagem. O autor considera ainda que os materiais didáticos são facilitadores no processo de ensino-aprendizagem e promovem a interação de natureza complexa que envolve sujeito-sujeito, sujeito-mundo-sujeito, sujeito-conhecimento-sujeito.

Essa interação complexa vai de encontro à reflexão de Johnson, Johnson e Smith (2006), os quais asseguram que o aprendizado cooperativo consiste no uso educativo de pequenos grupos de forma a provocar que os estudantes trabalhem juntos para maximizar seu próprio aprendizado e o de cada um dos membros do grupo. O melhoramento do aprendizado coletivo ocorre quando, os estudantes, no momento da interação, dispõem de atitudes positivas para colaborar

no aprendizado um do outro, naquilo que se sentem seguro, percebendo que ele tem dificuldade.

Torrego e Negro (2012) defendem o pressuposto da aprendizagem colaborativa e participativa entre alunos, isto é, a interação ocorre em pequenos grupos por intermédio de métodos e técnicas que viabilizam: tutorias em pares ou trios, onde, os mesmos poderão ensinar e aprender; partilhar conhecimentos prévios, trocar experiências. Apesar disso, aprendizagem cooperativa e colaborativa têm o compromisso de propiciar meios para que o conhecimento e, alguns aspectos fundamentais sejam realmente efetivos.

Destaca-se então, a importância da construção de uma prática reflexiva que possibilite a reformulação de conceitos, a contestação de conhecimentos que a participação, e uma posição ativa do educando, o que permite a desmitificação da concepção que apenas o professor seria um simples transmissor. Entendemos que tais mudanças só serão possíveis se houver clareza neste ato à reflexão crítica da própria prática.

Por fim, destacamos a competência comunicativa como uma “perspectiva na qual se estabelecem as competências que se pretendem desenvolver e se fundamenta em um sistema de ensino-aprendizagem que vai progressivamente promovendo o desenvolvimento holístico dos indivíduos envolvidos” (VILLA e POBLETE, 2010, p. 29).

Por meio da competência comunicativa negociamos significado, produzimos sentido, organizamos o discurso e transmitimos e interpretamos mensagens.

Material e Métodos

As aulas de Espanhol e Português como língua estrangeira ocorrem em duas plataformas digitais: *Facebook* e *Zoom*. A primeira se constitui como um espaço de armazenamento de materiais didáticos previamente elaborados, que são disponibilizados em forma de unidades didáticas, de modo que os aprendentes possam realizar atividades síncrona e assincronamente. Pelo *Facebook*, os alunos produzem seus próprios textos e vídeos e criam uma rede de engajamento que auxilia na aprendizagem colaborativa. O professor, por sua vez, retroalimenta o espaço com outros textos, servindo como um balizador para a qualidade da aprendizagem. Em outras palavras, o professor acompanha o processo de aprendizagem e oferece soluções para que os alunos possam melhorar sua competência linguística. A segunda plataforma se caracteriza como um ambiente síncrono, cuja interação imediata é organizada pelo professor em salas simultâneas para que os aprendentes pratiquem a oralidade e desenvolvam outras competências comunicativas.

Os materiais didáticos utilizados nas aulas de Espanhol e PLE e disponibilizados no *Facebook* são produtos de um longo processo que se inicia com o estudo e a reflexão do plano de ensino; ordenamento dos componentes linguísticos a serem abordados; coleta de textos multimodais, que irão estruturar as unidade do material; seleção das plataformas digitais em que os materiais serão disponibilizados; planejamento, organização e a realização das aulas e avaliações e autoavaliações ao término de cada aula.

Cabe destacar que a equipe do Nucli-IsF e Portal têm realizado estudos empíricos que sustentem a eficácia de ambas as plataformas supracitadas para o ensino de línguas. Usávamos o *Facebook* antes mesmo do ensino remoto e por este motivo decidiu-se pela continuidade de uso nas aulas assíncronas. Toda a equipe de ambos os programas passou por um treinamento, que lhe possibilitou compreender as funcionalidades pedagógicas do *Facebook* e *Zoom* como, por exemplo, compartilhamento de material, quadro branco, compartilhamento de tela, arquivos, salas simultâneas, etc. Tudo isso auxilia o professor em sua atividade docente, além de proporcionar uma aprendizagem colaborativa e criar um espaço de interação complexa em que os alunos também são protagonistas de sua própria aprendizagem.

Resultados e Discussão

A continuação, apresentamos um recorte de uma atividade trabalhada com a turma de PLE, no PRÉ-PEC-G, cuja proposta era apresentar a história do Grafite com a finalidade de desenvolver o pensamento crítico-reflexivo no intuito de desconstruir estereótipos e preconceitos sobre esta arte. Buscou-se, também, potenciar o desenvolvimento da competência comunicativa, enfatizando as habilidades de expressão e interação orais e escritas. Consideramos essa atividade como de nível médio, porque requereu um domínio da compreensão de textos orais que circulam na mídia brasileira, e o competência digital nível inicial. Em um primeiro momento, os alunos assistiram ao vídeo “Grafite no Brasil”, de modo que pudessem ter acesso ao contexto histórico e cultural do grafite. Posteriormente, teceram comentários, informando suas percepções através de discussão na plataforma Zoom, depois de assistirem ao vídeo.

Na sequência, responderam às perguntas propostas na atividade, onde deveriam deixar seus comentários na postagem da página do grupo no *Facebook*, seguidos de orientação do professor e indicação de correções ortográficas. Tiveram acesso a um tutorial, via slide que serviriam como suporte para a feitura da atividade final, a construção de um grafite, usando o aplicativo “Art Creator Logo

Maker”. Tivemos com resultado final criações incríveis, aqui apontados como relato de uma das muitas experiências como professora bolsista dentro do programa NuLi-IsF/UEFS.

Imagem 1: Atividade de interação na aula de PLE



Fonte: NuLi-IsF/UEFS

A atividade acima evidencia o protagonismo dos alunos em seu processo de aprendizagem. Nela, os aprendizes negociam significado e atribuem um novo sentido ao texto. Com essa atividade, ampliou-se a possibilidade de desenvolver a competência comunicativa, na perspectiva intercultural, desconstruindo estereótipos e preconceitos sobre esta arte.

Nossa experiência tem demonstrado que alunos criam redes de compartilhamento, mobilizando recursos que auxiliam no desenvolvimento da competência comunicativa. As plataformas digitais ampliaram a qualidade das atividades interativas, cujos participantes negociavam significados e produziam sentidos por meio do uso de gêneros discursivos multimodais. A atividade docente também é afetada pelo uso das plataformas, pois o professor precisa

buscar formas de engajamento e criar situações comunicativas que atendam às necessidades dos aprendizes. Ademais, o professor é um mediador da aprendizagem, retroalimentando as intervenções feitas pelos alunos nas atividades síncronas e assíncronas. Os materiais didáticos desempenham um papel importante nas aulas de línguas, haja vista que são facilitadores do processo de ensino-aprendizagem e promovem a interação.

Como comentado anteriormente, fizemos uso de plataformas digitais, as quais vêm nos auxiliando na organização didática, nos modos de relacionamento com os alunos, na construção de espaços colaborativos de aprendizagem via *Zoom* e *Facebook*. Em relação a este último, podemos concluir que o *Facebook* se apresenta como uma plataforma não apenas para criar uma rede de compartilhamento de pessoas, imagens e informações, mas também um facilitador do processo de ensino e aprendizagem, agregando valor à didática de ensino de línguas. Nossa experiência tem revelado um uso responsivo dessa plataforma e de engajamento coletivo, no sentido de que os aprendizes de Espanhol e de PLE se tornam produtores de conhecimento, formadores de opinião e interventores sociais e políticos (ALENCAR et al, 2013). Por meio do seu uso, também, tanto alunos quanto professores se mobilizam espontaneamente nesse espaço,

contribuindo para o processo de ensino e aprendizagem das línguas em questão.

A elaboração e edição de materiais didáticos também ocupam nossa agenda de formação e pesquisa, cujos princípios teóricos e metodológicos que os constitui “envolve um processo importante de auto-(re)conhecimento identitário do professor como pesquisador e agente crítico, autônomo e criativo” (OLIVEIRA e REIS, 2017, p. 196). Ademais, deve considerar que o aprendiz é parte constitutiva do processo de aprendizagem, no sentido de que não é um mero receptor de conteúdo, mas sim um participante ativo da aula de língua, responsável, também, pela construção do conhecimento. Todos os aspectos para a elaboração dos materiais didáticos envolvem quatro fases que auxiliam na organização e desenvolvimento das atividades, bem como das competências.

Considerações Finais

A despeito dos enormes desafios que a pandemia vem nos impondo, cujos efeitos são sentidos em nosso entorno social, emocional e educacional, podemos afirmar que o trabalho desenvolvido no Nucli-IsF e Portal trouxe resultados positivos. Esses resultados só foram alcançados em razão do envolvimento e engajamento total de toda a equipe de ambos os programas. Com base

nisso, reforçamos nossa tese de que trabalhando responsiva e colaborativamente será o caminho para ampliar os valores éticos e solidários, comprometidos com a formação do sujeito bem como a transformação social. Este pensamento nos impulsiona a seguirmos com o compromisso de ofertar novos cursos presenciais e/ou virtuais, utilizando recursos e matérias que sejam eficazes para o ensino e aprendizagem de línguas.

Referências

- ALENCAR, G. A. et al. Facebook como plataforma de ensino-aprendizagem: o que dizem os professores e alunos do IFSertão-PE. *Educação, Formação e Tecnologias*, v. 6, n. 1, p. 86-93, 2013.
- FRANÇA, Luísa. Saiba o que é o projeto político pedagógico (ppp). 2019. Disponível em: < <https://www.somospar.com.br/saiba-o-que-e-o-projeto-politico-pedagogico/>>. Acesso em 30 de maio de 2019.
- MAKONI, S.; MEINHOF, U. Linguística aplicada na África: desconstruindo a noção de língua. In: MOITA LOPES, L. P. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Editora, 2006.
- OLIVEIRA, I. A. de.; REIS, Luana Moreira. Princípios teórico-metodológicos para elaboração de material didático de PLE e a necessidade de inclusão sistemática dessa discussão nos currículos de formação de professores. *A Cor das Letras*, v. 18, n. 3, p. 194-206, 2017.
- RAJAGOPALAN, K. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- SZUNDY, P. T. C.; FABRÍCIO, B. F. *Linguística Aplicada e indisciplinaridade no Brasil: promovendo diálogos, dissipando brumas e projetando desafios epistemológicos*. SZUNDY, T. C.; TILIO, R.; MELO, G. C. V. (Orgs.). *Inovações e desafios epistemológicos em Linguística Aplicada: perspectivas sul-americanas*. Campinas: Editora Pontes, p. 63-89, 2019.
- TOMLINSON, B. ed. *Developing Materials for Language Teaching*. London: GBR: Bloomsbury Academic, 2013.
- VYGOTSKY, L.S. *Obras escogidas*. Tomo II. Madrid: Visor, 2001. VILLA, A.; POBLETE, M. (Dir.) *Aprendizaje basado en competencias: una propuesta para la evaluación de las competencias genéricas*. Bilbao: Universidad de Deusto, 2010.